

Os rumos da comunicação científica na área da saúde



Carmen Verônica Mendes Abdala é bibliotecária e trabalha na BIREME desde 1991. Atualmente é responsável pela área de serviços e fontes de informação. Sua larga experiência em gestão de redes e bibliotecas virtuais é reconhecida em todo Brasil e nos países da América Latina, Europa e África. Sua habilidade com o tema de acesso à informação nos alertou para a relevância de um bate-papo com Verônica. Com a simpatia e cortesia, que lhe são

peculiares, atendeu nosso pedido e conversou conosco.

RBBB: A BIREME está se transformando. Você acha que esse reposicionamento trará benefícios para a rede e para o usuário da informação?

Verônica: A BIREME vai completar 50 anos como um centro da Organização Pan-Americana da Saúde especializado em informação em saúde e sua missão continua sendo a de promover e democratizar o acesso e uso da informação e do conhecimento científico para qualificar as decisões em saúde e assim qualificar também a atenção, a gestão e a pesquisa em saúde. De uma maneira geral, acredito que nosso principal usuário ainda é o pesquisador. Já o tomador de decisão, que é o médico, a enfermeira e o gestor, embora sejam também nosso público-alvo, ainda temos muito o que avançar. E tenho certeza que estamos longe do grande público, o leigo, vamos dizer assim. Precisamos trabalhar muito para democratizar o acesso à informação.

Reforçar o controle bibliográfico é essencial, precisamos ter registro da informação produzida e publicada na América Latina e Caribe. É nossa tarefa tornar acessível todo o conhecimento científico gerado nessa região. Isso equivale a dizer que os latino-americanos ainda não estão bem representados em relação ao conhecimento científico global. Na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), apesar de ter mais de 24 milhões de registros bibliográficos, ainda falta muita



informação para representar o contexto e as necessidades da região da América Latina. Por outro lado, precisamos desenvolver novas ferramentas para aperfeiçoar a busca, criar novos serviços, como por exemplo serviços de tradução do conhecimento especializado, mineração de dados, preparar melhor a informação de acordo com os diferentes contextos e necessidades. Enfim, facilitar a aplicação do conhecimento na tomada de decisão em saúde e contribuir de uma forma efetiva, fazendo a diferença nesse processo, é o que buscamos. Então, o momento é mesmo de reposicionamento da BIREME, em busca do desenvolvimento de plataformas mais amigáveis, serviços mais eficientes e recursos mais fáceis de serem consumidos pelo usuário da informação em saúde.

RBBB: A LILACS continuará sendo o Índice Latino-americano de Informação na área da saúde?

Verônica: Sem dúvidas, a LILACS continuará sendo o índice latino-americano de informação na área da saúde. A LILACS tem mais de 800 mil documentos de 19 países e indexa mais de 800 títulos de revistas. Com a representação forte do Brasil, que também é o país da região que mais publica na área da saúde, a base tem algumas inconsistências e isso é natural, pois o trabalho em rede é complexo, tem problemas como todo produto colaborativo, que depende de uma rede de colaboração distribuída. Por isso, a ferramenta e a metodologia (o LILDBI) estão passando por uma grande e importante modificação que dará maior sustentabilidade à LILACS, com facilidades para captura de metadados e melhor aproveitamento dos produtos da rede. A LILACS hoje é consultada por vários buscadores, como por exemplo o Google Acadêmico. O Medline, com mais de 6 mil títulos indexados, inclui apenas 1% de revistas latino-americanas. Portanto, a LILACS realmente complementa o Medline e dá visibilidade ao conhecimento gerado na região. A produção registrada na LILACS é a que melhor representa o contexto da América Latina, porque vêm da pesquisa realizada neste contexto. A LILACS é um bem público, é o mais importante e abrangente índice do conhecimento científico da América Latina e Caribe e há 30 anos contribui para o aumento da visibilidade, acesso e qualidade da informação em saúde na Região.



RBBB: Algumas revistas estrangeiras não utilizam mais palavras-chave nos artigos. Você acredita que o trabalho do bibliotecário indexador vai deixar de existir?

Verônica: Essa pergunta eu também me faço. Cada vez mais eu questiono: qual é a função e a finalidade da indexação? Ainda é necessário fazer indexação? Não tenho dúvida que precisamos buscar novos caminhos para agilizar e melhorar o processo de indexação do conhecimento. Talvez uma indexação mais automática, com ajuda de sistemas inteligentes de mineração de dados, poderia simplificar e agilizar a indexação e também a recuperação da informação. Por outro lado, até alguns anos o mais comum era o levantamento bibliográfico exaustivo. Hoje, eu vejo que a forma de buscar a informação mudou e se tornou mais específica, em busca do melhor conhecimento e não de todo o conhecimento. Ao capacitar usuários para a recuperação de informação, o mais importante era orientar o uso do tesouro, do vocabulário DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). Sem isso parecia impossível fazer uma busca bibliográfica com sucesso. Hoje, com interfaces mais inteligentes, pode-se fazer uma boa busca sem necessariamente identificar o descritor. O que interessa é responder uma pergunta de pesquisa com a melhor evidência disponível, ou seja, com a informação relevante e aplicável a contextos. Em alguns casos, dois ou três artigos podem contentar e atender a necessidade do usuário. O usuário não tem tempo para ler muitos artigos. Por exemplo, o Google Acadêmico recupera em diferentes campos de busca, incluindo o texto completo e hierarquiza o resultado por relevância. Claro que ainda é preciso melhorar muito o processo de busca e os robôs precisam ser aprimorados, mas os avanços são fantásticos. A própria National Library of Medicine (NLM) tem estudos que demonstram que a indexação de um mesmo artigo por dois indexadores apresenta diferenças significativas. A subjetividade parece difícil de ser controlada na indexação, que demanda muito conhecimento do assunto e o bibliotecário especialista é cada vez mais raro. Mais recentemente surgiram as buscas estruturadas (PICO ou PICOT) que torna a recuperação mais eficiente. Quebrando a pergunta de pesquisa em elementos estruturados que organizam os termos para posterior busca. A indexação ainda é importante, apesar da velocidade do tempo atual que parece incompatível com a tarefa complexa da indexação. Para preparar um indexador demanda muita capacitação, é complexo e trabalhoso, nem sempre possível de ser realizado a contento. Buscar alternativas para a recuperação mais eficiente, com base nos títulos, resumos e outros elementos da referência é necessário. Indexar é uma arte e



creio que é uma atividade que tende a ser substituída pelas dificuldades e complexidade desse processo.

RBBB: Sabemos que o Google Acadêmico, ou Google Scholar, é uma ferramenta muito utilizada por estudantes, professores e pesquisadores. Como as Bibliotecas Virtuais se posicionam diante de tão poderoso buscador de informação científica?

Verônica: De fato, acho que desde quando começou o projeto BVS já perguntavam para que a BVS se tínhamos, na época, o Yahoo, depois o Alta Vista e, mais recentemente o Google Acadêmico. Realmente, o Google Acadêmico avançou bastante com o seu motor de busca, suas facilidades e recursos que colocam disponível a informação científica coletada de várias bases de dados. Tenho pesquisado no Google Acadêmico para entender um pouco mais sobre a ferramenta acho notável seu avanço. Ainda assim, continuo achando que não existe competição, barreira, e nem vejo o Google Acadêmico como adversário das BVS. São de naturezas diferentes. Pelo contrário, penso que é mais uma ferramenta para facilitar o acesso e uso da informação e que contribui para nossa missão de democratizar e facilitar o acesso à informação. As Bibliotecas Virtuais ainda têm o papel de organização e disponibilização da informação, principalmente no controle bibliográfico de uma área temática, ou de um país. O Google Acadêmico é só mais uma forma de dar visibilidade às nossas bibliotecas virtuais em saúde.

RBBB: De acordo com a Lei dos Direitos Autorais, como ficam os serviços de Comutação Bibliográfica?

Verônica: A Lei número 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 altera, atualiza e consolida a legislação sobre os direitos autorais e dá outras providências relacionadas aos direitos autorais. Ela permite a reprodução de partes das obras para uso individual, para estudos acadêmicos, e não comercialização dessa parte. O próprio Portal de Periódicos da CAPES autoriza a comutação bibliográfica entre bibliotecas com o material disponibilizada pelas editoras que assinaram contrato com a CAPES. Entretanto, algumas editoras, ou associação de editoras,



Entrevista

entendem de forma diferente a lei e a licença da CAPES e questionam esse tipo de serviço. Recentemente, o serviço de comutação SCAD (Serviço Cooperativo de Acesso a Documentos), que a BIREME coordena e que a rede utiliza bastante para buscar os textos completos para os seus usuários, passou por uma análise e foi avaliado nesse aspecto do direito de autor. Depois dessa análise, tivemos a liberação do SCAD e, em breve, voltará a operar. Claro que teremos de fazer algumas adaptações e ajustes e deixar mais explícito como será controlado e resguardado os direitos autorais. Mas, o importante é que voltaremos a prestar o serviço para as bibliotecas cooperantes, atendendo a legislação vigente no país. Esse é um exemplo de que precisamos nos adaptar ao novo. O conhecimento científico, cada vez mais disponível em acesso aberto, trouxe mudanças estruturais para o serviço de comutação bibliográfica. Tudo isso, a própria lei que é de 1998, não atende a todas as questões e precisa ser atualizada. E os serviços também precisam se adaptar às novas realidades.

RBBD: Muito obrigada Verônica.

Verônica: Eu é que agradeço pela oportunidade do bate-papo para expor minhas ideias e pensamentos sobre os próximos passos e desenvolvimentos para os serviços de informação. Um abraço.